

## O problema do mal, ceticismo e teodicéia

### The problem of evil, theodicy and scepticism

Adilson Koslowski \*

#### Resumo

O presente artigo tem como objetivo mostrar algumas relações entre o problema do mal, o ceticismo e a teodicéia. Sustenta-se que o problema do mal gratuito defendido por William L. Rowe (1979 e 2004) é solucionado pelo ceticismo teísta. Porém, o ceticismo não elimina a possibilidade de uma compreensão externa e interna que tem como objetivo deflacionar o aparente mal gratuito e dar uma solução positiva ao problema, mesmo que parcial. Tal compreensão interna é auxiliada pela Revelação. Argumenta-se que a compreensão interna não é viciosa. Ela será viciosamente circular ou falaciosa se houver um compromisso com pressupostos filosóficos naturalistas. Tal compreensão interna tem defensores como Alvin Plantinga inspirado em Agostinho de Hipona.

Palavras-chave O problema do mal. Ceticismo teísta. Teodiceia. Plantinga.

#### Abstract

This article aims to show the relationship between the problem of evil, theodicy and skepticism. It argues that the problem of gratuitous evil espoused by William L. Rowe (1979 and 2004) is solved by theistic skepticism. However, skepticism does not eliminate the possibility of an internal and external understanding that aims to deflate the apparent gratuitous evil and give a positive solution to the problem, even partially. Such understanding is aided by internal revelation. It is argued that the internal understanding is not vicious. She is viciously circular or misleading if there is a commitment to naturalistic philosophical assumptions. Such understanding is internal advocates such as Alvin Plantinga inspired by Augustine of Hippo.

Keywords: The problem of evil. Skepticism theist. Theodicy. Plantinga.

---

Artigo recebido em 29 de abril de 2012 e aprovado em 20 de maio de 2012.

\*Doutor em Filosofia, área de concentração em Epistemologia. Professor na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Contato: [kadilson@ibest.com.br](mailto:kadilson@ibest.com.br)

## **I. Introdução: dois possíveis anuladores da crença teísta: o naturalismo e a existência do mal**

As duas grandes objeções ao teísmo<sup>1</sup> são a tese do naturalismo e o problema do mal. Estas duas objeções são potencialmente evidências para a anulação da crença no Deus judaico, cristão e islâmico. Deus é definido nessas religiões como um ser imaterial, eterno, onipotente, onipresente, onisciente e todo bom. Tais propriedades de Deus são consideradas por essas tradições religiosas como transmitidas pela Revelação divina<sup>2</sup> aos profetas ou diretamente do próprio Deus, como é o caso da Revelação cristã.

O naturalismo é caracterizado como a tese filosófica segundo a qual as únicas coisas que existem são os objetos espaciais e temporais. Portanto, os objetos matemáticos, tais como conjuntos, e os objetos imateriais, tais como a alma, os deuses, os anjos e os demônios, provavelmente não existem. O naturalismo, às vezes, é associado com o cientificismo. O cientificismo é a posição filosófica segundo a qual as únicas explicações válidas para a realidade são as científicas, *grosso modo*, experimentação e a expressão matematizada do fenômeno. As ciências privilegiadas para uma explicação completa da realidade são a cosmologia empírica e a biologia evolucionista. Hoje é comum o ateu, o agnóstico e o cientificista compartilharem a tese do naturalismo<sup>3</sup>.

O naturalismo é apresentado como uma evidência pelo ateu e pelo cientificista contra a crença em Deus. O naturalismo explica o universo sem fazer apelo a qualquer entidade que não seja a espacial ou temporal. Segundo essa tese, Deus está fora das explicações racionais da realidade. Pelo princípio da navalha de Ockham ou a lei da parcimônia, não se deve multiplicar as entidades para se explicar algo. Por exemplo, se o universo pode ser explicado completamente, sem precisar apelar para entidades imateriais, não há motivo para comprometer-se com tais entidades. O princípio da navalha de Ockham

---

<sup>1</sup> Teísmo é a crença em um ser imaterial, eterno, onipotente, onisciente, onipresente e todo bom, e se interessa pelos seres que criou, resumidamente, ‘Deus’ em maiúsculo. Por sua vez, teísta é aquele que está comprometido com o teísmo.

<sup>2</sup> O Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo são religiões reveladas. A solução última da problemática humana é oferecida pelo próprio Deus que se revela historicamente através de seus profetas, por exemplo, a Maomé ou pessoalmente em Jesus Cristo. Cf. LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 1985. SWINBURNE, Richard. *Revelation: from metaphor to analogy*. Oxford: Oxford University Press, 2002. Usa-se Revelação com ‘R’ maiúsculo para ser referir a esse tipo especial de revelação.

<sup>3</sup> Exemplos de naturalistas famosos e ateus militantes: Richard Dawkins, Daniel Dennett, Sam Harris, Victor J. Stenger entre outros.

é um princípio metodológico correto. Contudo, isso não acarreta, como é óbvio, que o naturalismo seja verdadeiro.

A tese do naturalismo não é aceita por muitos filósofos. Por exemplo, o naturalismo seria falacioso (falácia da auto-referência), pois ele não é uma tese científica, mas filosófica. Outra objeção, o naturalismo não possuiria a melhor explicação para todos os aspectos da realidade como pressupõe. É verdade que o naturalista concorda em não possuir, ainda, uma explicação completa para vários fenômenos. Por exemplo, os supostos milagres que acontecem em Lourdes ou em outros lugares. Este tipo de fenômenos extraordinários é admitido por muitos naturalistas. Contudo, o naturalista tem esperança de a ciência fornecer, algum dia, uma explicação completa da realidade e dos casos difíceis. Todavia, não é preciso ir tão longe, a ciência atual não tem uma teoria completa nem sequer da matéria<sup>4</sup>.

O segundo grande problema para o teísmo é o problema do mal. É um problema para todos os seres humanos reflexivos. Por que existe o mal? Do ponto de vista naturalista, a existência do mal é facilmente explicável. O problema do mal é sério para a legitimidade epistêmica do teísmo; mas, para o naturalista, a realidade é fruto de um processo cego, não é uma obra planejada. O universo é imperfeito e basta. O mal é um fato bruto.

O problema prático de eliminar ou diminuir o mal não é fácil para ambos, naturalistas e teístas. A tendência do naturalismo é sustentar politicamente e construir objetivamente um mundo sem males ou o melhor mundo possível aqui e agora. Este melhor mundo possível será realizado através da ciência, da tecnologia e da política. Para o teísta tradicional, a solução dada ao problema prático do mal será em outra realidade, na vida após a morte, no Céu ou no Paraíso. Contudo, o teísta não desdenha, a princípio, os progressos oriundos da ciência e da tecnologia como alívio dos males. Desde que o progresso tecnológico não se oponha aos mandamentos divinos.

As comunidades religiosas sempre enfrentaram a existência do mal como um grande problema teórico e prático. Algumas comunidades religiosas orientais eliminam o mal. Para algumas dessas comunidades orientais, o mal não existe, ele é uma ilusão<sup>5</sup>. Como exemplo,

---

<sup>4</sup> Cf. GRAIG, William e MORELAND, J. P. (Org.). *Naturalism: A critical analysis*. London: Routledge, 2000 e REA, Michael. *World without design: the ontological consequences of naturalism*. New York: Oxford University Press, 2002.

<sup>5</sup> Não confunda essa posição com a tradicional posição de Agostinho e Tomás de Aquino. Segundo eles, ontologicamente o mal não existe. O mal seria uma ausência de alguma perfeição. Por exemplo, uma pedra

pode-se citar a religião oriental Seicho-no-ie ou as religiões panteístas. Outras religiões, como o Maniqueísmo, o Zoroastrismo e Gnosticismo, acreditam existir dois princípios ou dois deuses, um bom e outro mal. Eles estão em uma guerra eterna. A origem do mal se deve ao deus mau e o bem se deve ao deus bom.

Existem, portanto, várias religiões com diferentes soluções teológicas para o problema do mal. Outro exemplo é o budismo. O budismo é uma religião que nasceu da experiência pessoal do príncipe indiano Sidarta Gautama (séc. VI a.C) que, através da reflexão sobre o sofrimento alheio, vislumbrou a causa de todos os males: o desejo, o cultivo do ego. Os males da humanidade – principalmente a doença, a velhice e a morte – fizeram com que Gautama se preocupasse e procurasse uma via para eliminar a dor, o sofrimento. Sua resposta é o caminho óctuplo. Esse caminho liberta o ser humano do sofrimento causado pelo desejo e as múltiplas encarnações. As reencarnações repetem indefinidamente os mesmos ou piores sofrimentos<sup>6</sup>.

Historicamente, o problema do mal é muito importante nas religiões de origem semita: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. O problema do mal é potencialmente um anulador para as crenças teístas. O problema forma-se através do conceito de Deus. Deus é concebido como o criador de todas as coisas. Ele criou tudo do nada (*Deus ex nihilo mundum creavit*) através de sua onipotência, sua onisciência, sua onipresença e sua bondade. O problema surge: como conciliar esse conceito de Deus com a existência do mal?

O filósofo e literato argelino Albert Camus (1913-1960) narra, em um de seus romances, o episódio de como um menino foi enforcado vergonhosamente durante a guerra. E entre os que assistiam aquele ato horrível, alguém perguntou com angústia:

- Onde está Deus?

E alguém respondeu:

- Neste menino!

---

não tem olhos. Não existe na pedra uma ausência positiva, pois pedras por sua natureza não enxergam. Mas o ser humano cego está privado positivamente de algo que pertence à sua natureza. Portanto não é uma ilusão ser cego, mas uma ausência real de uma perfeição. Essa perfeição deveria existir, pois faz parte da natureza desse ser.

<sup>6</sup> O caminho óctuplo é constituído de oito verdades nobres: a compreensão, o pensamento, a fala, a ação, o meio de vida, o esforço, a atenção e a concentração correta. Cf. COOMARASWAMY, Ananda K. *O Pensamento Vivo de Buda*. São Paulo, Livraria Martins, 1965.

Em suma, Albert Camus mostra como o mal anula a crença em Deus: “Deus está morto”. É o que Nietzsche também afirma, por outros motivos, em *Assim Falou Zaratustra* (1883-1885).

Igualmente Camus (1972) no livro intitulado *A peste*. Nessa obra, a peste bubônica faz vítimas entre as crianças e novamente temos a temática do mal gratuito. O mal que acontece às crianças faz muitos pensar na ausência de Deus ou na sua não existência. Como diz Graig, filósofo e teísta:

*Ó Deus, pensei. Como podes permitir aquelas crianças [um menino que morreu soterrado e ficou semanas vivo nos escombros por causa de um terremoto no México e uma menina da Guatemala por causa de uma inundação ficou soterrada até a boca e morreu após dias de agonia e não podia ser retirada] morrerem daquela forma? Se elas tinham de morrer, que morressem! Mas pelo menos poderias ter deixado o menino morrer pela queda do edifício ou poderias ter deixado a garota se afogar de uma vez. Por que essas mortes sem sentido, torturantes e agonizantes? Sendo bastante franco com você, quando vejo esse tipo de coisas acontecendo, sinto como é difícil acreditar em Deus nessas horas. (Itálico do autor). (GRAIG, 2010, p. 85).*

O mal é um problema para muitos judeus, cristãos e islâmicos. Ele merece profunda reflexão e uma resposta filosófica e teológica. Além dos clássicos argumentos de Agostinho e Aquino, uma célebre resposta teológica ao problema do mal é a carta apostólica *Salvifici Doloris* (1984) do Papa João Paulo II, que será explorada no último tópico deste texto.

## **II. O *status quaestionis* do problema do mal na Filosofia da Religião**

Qual é o estado da questão do problema do mal na Filosofia da Religião? Seria pretencioso dar a geografia completa da situação desse problema. Simplificadamente, o problema do mal é hoje frequentemente dividido em três tipos: o religioso, o dedutivo e o indutivo<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Não há acordo na terminologia. Alguns usam ‘emocional’ em vez de ‘religioso’, outros usam ‘evidencial’ ou ‘probabilístico’ ou ‘probatório’ em vez de ‘indutivo’.

## II.1. O problema religioso do mal

O problema religioso do mal não é teórico: tem sua origem no sofrimento das pessoas. As pessoas sofrem pelos seus próprios infortúnios ou pelo sofrimento dos seres sencientes que amam. Da experiência do mal, quase sempre, o ser humano tem necessidade de uma explicação, da finalidade ou do sentido. E, às vezes, esse aparente absurdo provoca uma revolta contra o Criador. Essa experiência é muito comum ao teísta.

Swinburne (1988 e 2004) e Craig (2005) sustentam a fraqueza da argumentação filosófica no caso da pessoa estar enfrentado os problemas existenciais do mal. Por exemplo, na dor pela perda de um filho: os argumentos filosóficos não são uma boa estratégia para diminuir ou solucionar a dor. É possível que a melhor ação seja aproximar-se do enlutado, dar-lhe um abraço acolhedor e permanecer em silêncio. Todavia, a reflexão (filosófica e teológica) não é totalmente inútil. O esclarecimento, através de argumentos filosóficos e teológicos, pode trazer algum alívio, embora de maneira limitada, às pessoas religiosas. Nesse sentido, é útil uma reflexão anterior sobre o problema do mal para uma compreensão e solução. Assim, as crenças têm um respaldo na racionalidade, já que influenciam enormemente no comportamento que tanto podem ajudar a superar quanto dificultar a recuperação do equilíbrio emocional<sup>8</sup>.

## II.2. O problema dedutivo do mal

O problema dedutivo do mal já está explicitamente presente no filósofo grego Epicuro (341-270 a. C). Tal problema surge devido à aparente incompatibilidade entre as propriedades divinas e o mal. David Hume nos *Diálogos sobre a religião natural* (1992, p. 136) parafraseou o dilema de Epicuro deste modo:

A Divindade quer evitar o mal, mas não é capaz disso? Então ela é impotente. Ela é capaz, mas não quer evita-lo? Então ela é malévola. Ela é capaz de evitá-lo e quer evitá-lo? De onde, então, provém o mal?

---

<sup>8</sup> Essa tese é empírica. A psicologia cognitivo-comportamental tem demonstrado existir uma profunda interação entre as estruturas cognitivas e as emoções. Cf. BECK, Aaron Temkin e ALFORD, Brad A. *O poder integrador da psicologia cognitiva*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Outro modo de apresentar o argumento é a versão de J. L. Mackie. Ele apresentou sua famosa versão no artigo *Evil and Omnipotence* (1955) e de modo mais estendido no capítulo IX de *The miracle of theism: arguments for and against the existence of God* (1982). Reconstruído o argumento de Mackie por Meister (2010, p.154, tradução nossa) fica assim:

1. Um ser totalmente bom sempre elimina o mal, tanto quanto possível.
2. Não há limites para o que um ser onipotente e onisciente pode fazer.
3. Portanto, baseado em 1 e 2, se um ser totalmente bom, onipotente, onisciente existe, ele elimina o mal completamente.
4. O mal não foi completamente eliminado.
5. Portanto, segue de 3 e 4 que, um ser totalmente bom, onipotente e onisciente não existe.

Os defensores do argumento acima sustentam que as propriedades divinas e a existência do mal tornam a crença teísta contraditória e, portanto, não apenas falsa, mas necessariamente falsa, dado que uma contradição é falsa em todas as circunstâncias.

Uma reelaboração do argumento de Epicuro em termos epistêmicos seria:

Argumento dedutivo do mal (ADM): *S* acredita que *a* “Deus existe”, *b* “Deus é onipotente”, *c* “Deus é onisciente”, *d* “Deus é onibenevolente”, *e* “Deus criou o mundo”, *f* “O mundo contém o mal”. Assim, a crença de *S* em *a*, *b*, *c*, *d* e *e* é inconsistente com a crença *f*. Logo, a crença de *S* em *f* é um anulador para a crença *a*, a saber, “Deus existe”.

Entretanto, os argumentos acima não estão completos. Eles são entimemas, pois existe uma premissa oculta. Refazendo o argumento e tornando explícita a premissa oculta, qual seja, “Deus pode fazer qualquer coisa”, tem-se:

Argumento dedutivo do mal (ADM2): *S* acredita que *a* “Deus existe”, *b* “Deus é onipotente”, *c* “Deus é onisciente”, *d* “Deus é onibenevolente”, *e* “Deus criou o mundo”, *f* “O mundo contém o mal”, *g* “Deus pode fazer qualquer coisa”. Assim, a crença de *S* em *a*, *b*, *c*, *d*, *e* e *g* é inconsistente com a crença *f*. Logo, a crença de *S* em *f* é um anulador para a crença *a*, a saber, “Deus existe”.

Existe realmente uma contradição nas crenças do teísta? Muitos filósofos concordam que o problema dedutivo do mal ganhou no século XX uma solução bastante razoável do filósofo americano Alvin Plantinga em seu livro *God, Freedom e Evil* (1974). Segundo esse filósofo, primeiramente não existe uma contradição explícita no argumento

ADM2. Não temos algo: isto é ‘A’ e isto não é ‘A’. Existe uma pressuposição de que as propriedades divinas e a existência do mal necessariamente são contraditórias. A contradição é apenas aparente. Além disso, segundo os teístas, Deus não pode fazer qualquer coisa.

Existem vários argumentos sustentando que Deus não pode fazer qualquer coisa. Argumentos de tipo metafísico, moral e lógico. Por exemplo, um argumento metafísico muito famoso é a defesa da liberdade contra a possibilidade do ser humano ser livre e somente praticar o bem. Segundo Plantinga, Deus não pode criar um ser livre e que, ao mesmo tempo, não possa praticar ações más<sup>9</sup>. Outro argumento metafísico é que Deus não pode criar um mundo perfeito no tempo e no espaço, pois um mundo tal é necessariamente imperfeito. Ele sempre pode conter algum elemento que o torne mais perfeito. Por exemplo, conter mais uma flor, mais um ser humano, mais uma obra de arte e assim indefinidamente. É sempre possível torná-lo mais perfeito, ao infinito. Um argumento de natureza lógica e matemática afirma que Deus não pode fazer um círculo quadrado, fazer um número que seja ao mesmo tempo par e ímpar, criar e não criar o mundo. Essas coisas são impossibilidades. Deus não pode realizar o impossível.

Se isso é assim, então o ADM2 está novamente incompleto. Pois, anulando a crença “Deus pode fazer qualquer coisa”, não se mostrou onde está a aparente contradição. Como diz Mackie:

Uma vez que esta defesa [de Plantinga] é formalmente possível, e seu princípio não envolve abandono real de nossa visão comum da oposição entre o bem e o mal, nós podemos admitir que o problema do mal, afinal de contas, não mostra que as doutrinas centrais do teísmo são logicamente inconsistentes uma com as outras. Mas se isto oferece uma solução real do problema é outra questão. (MACKIE, 1982, p. 154).

Plantinga (1974) não apenas mostrou a pressuposição do argumento dedutivo. Ele fechou a possibilidade de achar uma premissa que funcione como anulador para a crença em Deus. A premissa anuladora de toda a possibilidade de anulação e que completa o entimema é: “Deus criou um mundo que agora contém o mal e possui uma boa razão para isso” (NASH, 2006).

---

<sup>9</sup> Cf. o clássico artigo de PLANTINGA, A. The free will defense. In: SENNETT, James. *The analytic theist: an Alvin Plantinga reader*. Cambridge: Eerdmans, 1988. Muitos filósofos aceitaram este argumento.



### II.3. O argumento indutivo

Em filosofia é muito comum a pluralidade teórica (*diafonia*). Porém, em relação ao problema dedutivo do mal, muitos filósofos concordam que o argumento não é sólido. O problema possui variações e está hoje focado no argumento de tipo indutivo<sup>10</sup>.

Poucos negam que existe muito mal em nosso planeta. Não sabemos calcular de modo exato a quantidade dos males físicos (câncer, Alzheimer...), dos morais (perda do pai, da mãe, do filho...) e dos espirituais (a finalidade da vida...) que os seres humanos enfrentam durante toda a história. Além de nós, seres humanos, tem-se o sofrimento dos animais. Os animais sofrem por causa de seus predadores naturais, desastres e doenças. Eles sofrem também por causa dos seres humanos que os prende, os matam para comida e por diversão. O mal é superabundante. Essa presença superabundante do mal é um obstáculo para teístas manterem a sua fé e ateístas acreditarem em Deus.

Igualmente, do argumento indutivo temos várias versões possíveis. Uma famosa versão é de William Rowe em seu artigo *Problem of Evil and Some Varieties of Atheism* (ROWE, 1979, p. 213, tradução nossa):

1. Existem casos de sofrimento intenso que um ser onipotente, onisciente poderia ter evitado, sem por isso perder um bem maior ou permitir algum mal igualmente ruim ou pior.
2. Um ser onisciente, sendo totalmente bom, impediria a ocorrência de qualquer sofrimento intenso, a menos que ele não pudesse fazê-lo sem perder um bem maior ou permitisse algum mal igualmente ruim ou pior.
3. Logo, não existe um ser onipotente, onisciente e todo bom.

Outra versão semelhante do argumento é de Ronald H. Nash (NASH, 2004, p. 258):

1. Se Deus existe, para todo mal gratuito há uma justificativa.
2. Entretanto, nem todo mal possui uma razão que o justifique.
3. Portanto, Deus não existe.

Uma possível formulação epistêmica do argumento é:

---

<sup>10</sup> Não serão apresentadas todas as versões indutivas do mal. Cf. a antologia de HOWARD-SNYDER, Daniel (ed.), *The Evidential Argument from Evil* [The Indiana Series in the Philosophy of Religion]. Bloomington: Indiana University Press, 1996.

1. *S* acredita que *a* “Deus existe”, *b* “Deus tem razões para todos os casos de mal”, *c* “Deus é um ser onipotente, onisciente e todo bom”.
2. Entretanto, *S* sabe *d* “Deus não tem razões para todos os casos de mal”.
3. Portanto, *S* tem o anulador *d* para sua crença em *a*, isto é, “Deus existe” (de 1 e 2).

### II.3.1. Uma resposta cética ao problema indutivo do mal

Uma resposta ao argumento indutivo em sua versão de mal gratuito é o ceticismo teísta<sup>11</sup>. Um exemplo de cético teísta é o papa Bento XVI (2011) cuja resposta cética foi dada a uma menina japonesa após o terremoto que aconteceu esse ano no Japão e matou muitas pessoas. A japonesinha, em lágrimas, perguntou por que Deus permite que as crianças sofram? O Papa, abalado, respondeu que não sabia dar uma resposta completa ao problema. Atitude semelhante teve o pontífice romano (2008) quando foi visitar o campo de concentração nazista Auschwitz-Birkenau e se perguntou onde estava Deus para permitir tal maldade. Essas interrogações céticas papais provocaram certo desconforto para alguns teístas. Aliás, essa forma de argumentação é bastante antiga, e já está presente na resposta que Deus dá a Jó no Antigo Testamento.

Voltemos ao argumento do mal gratuito de W. Rowe. É a premissa (2) provavelmente verdadeira? Muitos teístas concordam com Rowe sobre este ponto. Um Deus bom e onipotente não deixaria ocorrer mal gratuito. É a premissa (1) também provavelmente verdadeira? Os teístas creem que ela é provavelmente falsa.

Stephen Wykstra, em seu artigo *The humean obstacle to evidencial arguments from suffering: on avoiding the ‘evils of appearance’* (1984), analisa o argumento de Rowe. Nessa análise, Wykstra mostra que o argumento indutivo do mal está baseado numa forma de inferência que ele denominou *noseum*<sup>12</sup>. A inferência *noseum* é aquela que pode ser correta em alguns contextos e incorreta noutros. Esse tipo de inferência tem a seguinte forma: Se *S* não observa nenhuma evidência, logo *y* provavelmente não existe. *S* não observou nenhuma evidência. Logo, *y* provavelmente não existe.

---

<sup>11</sup> Alguns filósofos contemporâneos que defendem o ceticismo como uma das formas de responder ao argumento indutivo. Entre eles se destacam Alvin Plantinga, Peter van Inwagen, Daniel Horward-Snyder, Michael Bergmann.

<sup>12</sup> *Noseum* é uma contração de “no see them” (não vê-lo). Essa palavra também designa um pequeno inseto, parecido com o nosso maruim. Você sente a dor, mas não consegue ver o mosquito.

Argumentos *noseum* são muito comuns no dia-a-dia. Veja dois exemplos de tal argumento: um válido e outro inválido. “Eu vou até o jardim e não vejo nenhum cachorro, logo não há nenhum cachorro no jardim”. Essa inferência é correta. Se não existe anulador, pelo princípio da credulidade, estou justificado, *prima facie*, em crer que não há cachorro no jardim. Veja o exemplo de inferência *noseum* não válida: “Tenho uma forte dor no pé. Vou ao médico. Ele faz vários exames e me diz que não encontrou nada de anormal. Logo, não existe nada de errado com o pé”. Existe obviamente um problema com essa inferência. Não notar nada nem sempre é evidência de que não existe nada. Esse argumento é uma falácia *ad ignorantiam*. A suposição “os exames não detectaram nada” não justifica a inferência “não existe problema com o pé”. O cliente, não convencido, vai buscar um segundo diagnóstico.

No caso da versão do argumento gratuito de Rowe, a suposição: “Se não encontramos razões para o mal gratuito”, pode-se inferir “não há razões para o mal gratuito”. Para o ceticismo teísta, essa suposição de Rowe é provavelmente falsa. No contexto do argumento do mal gratuito tem-se o seguinte: Como um ser finito pode saber se uma mente eterna, onipotente, onisciente e onipresente e absolutamente boa não tem razões para todo mal (aparentemente) gratuito?

Graig (2005) argumenta que o naturalista pressupõe saber o que Deus sabe. Como o naturalista não sabe as razões para todos os males, algo que nenhum ser humano sabe, infere que Deus também não deve saber. E aqui está a falácia. A falácia é a pretensão de saber aquilo que Deus, supostamente, não sabe. O ser humano teria um poder extraordinário de perscrutar a mente infinita de Deus. Segundo Craig, o ser humano não tem esse poder e crer possui-lo é uma pretensão. O ceticismo em relação aos limites do conhecimento humano não é inédito na história da filosofia. Por exemplo, a ética deontológica argumenta contra o utilitarismo da impossibilidade cognitiva dos seres humanos calcularem todas as consequências de suas ações. Um ser humano, por ter uma mente finita, não pode saber todas as consequências, por exemplo, de uma mentira. Assim, *mutatis mutandis*, os seres humanos são incapazes de saber as razões que Deus tem para permitir o mal aparentemente gratuito.

Uma possível formulação do argumento cético teísta:

1. Existe para o ser humano o mal aparentemente gratuito.
2. Se existem razões para o mal aparentemente gratuito, então Deus existe.
3. Existem razões para o mal aparentemente gratuito e uma mente infinita<sup>13</sup> sabe essas razões.
4. Deus possui uma mente infinita.
5. Logo, Deus existe (2 e 3) e existe para o ser humano o mal aparentemente gratuito (1).

A premissa (1) não é disputável: naturalista e teísta concordam com ela. A premissa (2) também não é disputável. Pois, se houver razões para o mal gratuito, o argumento do mal gratuito não é sólido. O problema está na premissa (3). Naturalistas, como Rowe, não concordam que possam existir razões para o mal gratuito para um ser com uma mente infinita. Segundo os céticos teístas, é mais razoável pensar que, se Deus existe, então provavelmente existem razões, mesmo que não saibamos. Se o ceticismo é mais provável do que o argumento do mal gratuito, o argumento cético é sólido. A premissa (4) não é problemática, Deus, por definição, tem uma mente infinita. É apenas uma premissa explicativa.

A resposta cética ao problema do mal, mesmo que resolva o problema teórico, não satisfaz ao ser humano. Muitas pessoas buscam respostas positivas aos desafios intelectuais. O ceticismo é sentido como frustração. A busca de razões positivas, não apenas defensivas, leva o teísta à teodiceia. A teodiceia busca razões positivas para justificar o porquê de Deus permitir a existência do mal. Contudo, o conceito de teodiceia é entendido no sentido fraco, não oferece uma explicação ou uma justificação completa ao problema do mal.

### **III. Teodicéia: uma compreensão positiva externa e interna do mal**

Inspirado em Agostinho, Plantinga (1997) defende que o cristão não deve compactuar com a tese do naturalismo, nem se for metodologicamente para compreender a

---

<sup>13</sup> O infinito como propriedade divina não quer dizer algo espacialmente sem limites, mas é a soma das qualidades positivas da divindade: a onipotência, a onisciência, a onipresença, a bondade e outras.

si mesmo e o mundo. Existe uma frase de Agostinho que expressa bem esse modo de conceber a racionalidade do teísta: *intelligere ut credas, credere ut intelligas* (deves entender para crer e crer para entender), ou na paráfrase de Anselmo de Aosta (1033-1109): *credo ut intelligam* (creio para entender). A compreensão interna só é legítima para os que aceitam a existência de Deus. A compreensão interna usa dos recursos da Revelação para entender melhor o problema do mal.

Segundo Plantinga, por que compreender a realidade pelos pressupostos naturalistas e só depois pelos que vão além? Se o teísta acredita em Deus por evidências ou por considerar a crença em Deus básica<sup>14</sup>, por que fingir? Por que se adequar à tese naturalista dominante no meio acadêmico e científico? Plantinga (1993) sustenta que o naturalismo da maioria dos naturalistas contemporâneos é provavelmente falso. Ele construiu um argumento chamado de *argumento evolutivo contra o naturalismo*. O argumento sustenta que o naturalista comprometido com a teoria da evolução darwinista (simbolicamente: N&T) não tem razão para achar que as crenças geradas pelos organismos sejam verdadeiras. A evolução produz organismos que geram crenças, em sua grande maioria ou de modo inescrutável, adaptadas ao meio, não verdadeiras, a saber, pelo cálculo bayesiano,  $(P(N\&T/C^{15}) = 0,5 \text{ ou } ?)$ . Se isso é verdade, o naturalista darwinista cria para si um anulador especial, o chamado *anulador humeano*, a saber, o naturalismo anula a justificação epistêmica de todas as suas crenças e igualmente a crença filosófica no naturalismo darwinista sem possibilidade de um contra-anulador<sup>16</sup>.

Entende-se por compreensão externa a busca de respostas ao problema do mal dentro dos pressupostos naturalistas. O teísta pode mostrar que muito dos males que acontecem aos seres humanos e aos animais dependem do *mal moral*. Esse tipo de teodiceia é defendido por Swinburne em *Providence and the problem of evil* (1988), seguindo os passos da teodiceia de Agostinho. O mal moral é causado pelo próprio ser humano. Ele é livre e pode agir imoralmente. Ele pode prejudicar a si mesmo, o outro e a natureza.

Michael Murray em *Nature red in tooth and claw: the theism and the problem of animal suffering* (2008), argumenta que o mundo necessariamente causa subprodutos não

<sup>14</sup> Cf. a defesa de Plantinga sobre a crença em Deus ser básica ler o artigo: Reason and belief in God (SENNETT, 1998).

<sup>15</sup> C = a confiabilidade epistêmica das crenças geradas pelo aparelho cognitivo humano.

<sup>16</sup> Cf. BEILBY, James. *Naturalism Defeated? Essays on Plantinga's evolutionary argument against naturalism*. New York: Cornell University Press, 2002.

bons para os seres humanos e os animais. O mal natural é uma consequência congênita em um mundo no espaço e tempo. Existe uma imperfeição intrínseca causada indiretamente pela interação de componentes em si bons. A água é boa, mas pode causar o afogamento. O calor e o frio são bons, mas podem causar a carbonização ou o congelamento de um ser vivo e sua morte. Pode-se estender isso para outros eventos naturais que causam tragédias para os seres humanos e animais.

Contudo, não se deve desvincular o mal natural e o mal moral completamente, pois há uma estreita relação entre eles. Craig (2010) chama atenção para esse ponto. Muitos dos desastres que acontecem aos seres humanos em terremotos, inundações e outros são indiretamente causados pelo mal moral. Por exemplo, pela concentração de renda, como é o caso da América Latina. Muitos ricos imorais, se aproveitam, roubam e exploram outros seres humanos e acumulam muita riqueza. Esses pobres estão sempre morando em lugares impróprios e muito perigosos. Eles são as principais vítimas de inundações, terremotos e doenças. Por não se alimentarem bem ou por estarem impossibilitados de receber um atendimento médico adequado, isso quando possuem algum, morrem jovens e com muito sofrimento. Se o mundo fosse mais justo, a quantidade de mal natural seria bem menor do que é.

Existem muitas outras estratégias externas que oferecem respostas positivas sobre o problema do mal, mas, segundo o ceticismo teísta, todas elas não são suficientes para compreender todos os infinitos males que ocorreram e vão ocorrer na história. Uma compreensão total externa para o problema do mal é impossível para os seres humanos.

Usamos até aqui a argumentação externa. Contudo, existe outra possibilidade de argumentação em teodiceia que pode ser utilizada pelo teísta. Essa argumentação é a compreensão interna do problema do mal. Ela produz uma maior compreensão do por que da existência do mal, oferece algumas respostas positivas ao problema, contudo não são completas. A compreensão interna é o tipo de argumentação que utiliza os dados da Revelação para entender o mal.

Se a compreensão interna não é falaciosa, não é da parte do teísta um abuso utilizar a Revelação Divina para compreender o mal. Por exemplo, para o Cristianismo, o mal no mundo não foi causado por Deus e nem pelo ser humano. A origem do mal se deve a um anjo livre chamado Lúcifer. Adão e Eva, através da ação desse anjo mau, pecaram. O

pecado provocou desordens no mundo. A morte e o sofrimento foram consequências desse pecado. O primeiro homem e a primeira mulher perderam o Paraíso. Contudo, Deus não os abandonou. Fez-se homem e, através de sua morte e ressurreição, reestabeleceu aos seres humanos a possibilidade de uma vida santa, eterna e completamente feliz no Céu.

A dor é uma possibilidade de participação nos sofrimentos de Cristo. É a tese da carta *Salvifici Doloris* (1984) de João Paulo II. O sofrimento nos torna dignos do Céu. O cristão pertence ao corpo místico de Cristo e os sofrimentos são sofrimentos de Cristo e, por isso, são redentores. O sofrimento pessoal une misticamente o fiel ao sofrimento de Cristo. A cruz é o símbolo do sofrimento, da gravidade do pecado, também da vitória e do amor de Deus. O sofrimento, mesmo que não querido por Deus, é uma oportunidade de salvação.

Para o teísta a vida no mundo não é a mais importante. Não ser a mais importante, não quer dizer não ser importante. No mundo, os seres humanos dão o sim ou o não ao plano de Deus. Participar da vida divina é uma escolha. Deus colocou o homem no mundo para amadurecer e fazer opções. Apenas no Céu é possível a felicidade completa.

Desastres naturais fazem-nos questionar sobre a existência de Deus. Um caso famoso foi terremoto de Lisboa 1755, no qual milhares de cadáveres estavam expostos num mesmo tempo e espacialmente próximos. Tal cena tem um forte poder emocional. Para o teísta, esses desastres naturais, muito tristes, podem ser deflacionados. Os mortos foram para um “lugar” melhor do que esse aqui. Deus permitirá que todos morram para poderem viver com Ele.

Outra explicação que suaviza a existência do mal é a eternidade da alma. Por exemplo, no catolicismo o ser humano não é eterno desde sempre. Todo ser humano tem seu início na concepção. A partir da união entre o espermatozoide e o óvulo humano, Deus cria um ser eterno. O mundo físico passará, as estrelas, mesmo as maiores, seguirão as leis da termodinâmica e se extinguirão em buracos negros. O ser humano, no entanto não tem fim. Todo o mal, todo sofrimento, mesmo os grandes, vistos da eternidade são um quase nada. Esses males e sofrimentos valerão à pena.

A fé cristã não concebe um deus bonzinho. C. S. Lewis em *A Grief Observed* (1985, in Graig 2010, p. 91) diz: “O que as pessoas querem dizer quando dizem, ‘Eu não tenho medo de Deus porque sei que ele é bom’? Elas nunca foram sequer a um dentista?” John

Hick em *Filosofia da religião* (1965) e *Evil and God of Love* (2007) argumenta que o sofrimento, o estar num tipo de mundo cheio de mal, é a possibilidade do ser humano crescer moralmente, amadurecer, pois Deus é pai. Se ele criasse um mundo onde tratasse os seres humanos como “bichos de estimação” - expressão de Craig (2010) -, Ele não desenvolveria seres humanos maduros, seres com muitas virtudes morais e intelectuais, tais como a paciência, a caridade, o amor, o cuidado, a dedicação.

A argumentação baseada no ceticismo teísta e na teodiceia não dissipa a tensão. Não se tem uma solução completa aqui e agora. Não existirá provavelmente na história humana um mundo sem mal e sofrimento. As doenças eliminadas são substituídas por novas, o problema anterior à Revolução Industrial era morrer cedo demais, hoje é morrer com dignidade. Os problemas serão diferentes, mas o sofrimento parece ser intrínseco à história humana. Em suma, o mal será sempre fonte de tensões práticas e teóricas na vida dos seres humanos.

#### **IV. Considerações finais**

Um das versões mais engenhosas do problema indutivo do mal, oferecida por Rowe, é solucionada pelo ceticismo teísta. Todavia, o ceticismo teísta é apenas uma estratégia defensiva e negativa. A teodiceia oferece uma resposta positiva ao problema do mal, mesmo que incompleta. Tal compreensão pode ser interna e externa. Elas completam a atitude defensiva e negativa do ceticismo teísta.

#### **Referências**

BENTO XVI. (2011). **Papa responde a perguntas do público na TV e celebra a Sexta-Feira Santa**. [on line].

Disponível em: [http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110423/not\\_imp709771,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110423/not_imp709771,0.php) (Acessado em: 17 julho 2011).

\_\_\_\_\_. (2008) **Discurso do Santo Padre durante a visita ao campo de concentração Auschwitz-Birkenau**, Domingo, 28 de maio de 2008. [on line]. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2006/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060528\\_auschwitz-birkenau\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau_po.html)>. (Acessado em: 17 julho 2011).



CRIAG, William Lane. **Apologética para questões difíceis**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

CRAIG, W. L. e MORELAND, J. P. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

HICK, John. **Filosofia da Religião**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965/1970.

\_\_\_\_\_. **Evil and God of Love**. London: Palgrave Macmillan, 2007.

HUME, David. **Diálogos sobre a religião natural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JOÃO PAULO II (1984). **Salvifici Doloris**. Disponível em:  
[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_letters/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_11021984\\_salvifici-doloris\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris_po.html). (Acessado em 11 julho 2011).

MACKIE, J. L. **The miracle of theism: arguments for and against of God**. New York: Clarendon Oxford, 1982/1992.

\_\_\_\_\_. Evil and omnipotence (1955). POJMAN, Louis P. (org.). **Philosophy of religion: an anthology**. Belmont: Wadsworth Publishing Company, 1988.

MEISTER, Chad. The problem of evil. IN: TALIAFERRO, Charles e MEISTER, C. **Christian philosophical theology**. New York: Cambridge University Press, 2010.

MURRAY, Michael. **Nature red in tooth and claw: theism and the problem of animal suffering**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

NASH, Ronald H. O problema do mal. IN: BECKWITH, Francis J. Graig, W. L e MORELAND, J. P. **Ensaios apologéticos: um estudo para uma cosmovisão cristã**. Hagnos, 2006.

PLANTINGA, Alvin. **God, freedom e evil**. Nova York: Cornell University Press, 1974.

\_\_\_\_\_. **Warrant and proper function**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. Methodological naturalism? In: **Philosophical Analysis, Origins and Design, 18:1**, 1997. Site: <http://www.arn.org/docs/odesign/od181/methnat181.htm>. Acesso: 29/07/2011.

\_\_\_\_\_. Methodological naturalism? In: **Philosophical Analysis, Origins and Design, 18:2**, 1997. Site: <http://www.arn.org/docs/odesign/od182/methnat182.htm>. Acesso: 29/07/2011.

ROWE, William. The Problem of Evil and Some Varieties of Atheism (1979). IN: POJMAN, Louis P. (org.). **Philosophy of religion: an anthology**. Belmont: Wadsworth Publishing Company, 1988.

\_\_\_\_\_. Is evil evidence against belief in God?. IN: PETERSON, Michael L. e VANARRAGON, Raymond J. **Contemporary debates in philosophy of religion**. Malden: Blackwell, 2004.

SWINBURNE, Richard. **Providence and the problem of evil**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

\_\_\_\_\_. **The existence of God**. Oxford: Oxford Press, 2004.

WYKSTRA, Stephen J. The humean obstacle to evidencial arguments from suffering: on avoiding the 'evils of appearance (1984). IN: HOWARD-SNYDER, Daniel (Org.), **The evidencial argument from evil**. Bloomington: Indiana University Press, 1996.